

SOFTWARE LIVRE EM COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM ONLINE: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DE COLABORAÇÃO ENTRE OS POVOS LUSÓFONOS¹

Fabio Batalha Monteiro de Barros - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET-RJ

Resumo

O software livre Moodle tem sido utilizado ao longo dos anos com um perfil fortemente institucional. A partir da reflexão sobre a relevância do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) para a inclusão social são analisadas as características de funcionamento da comunidade de aprendizagem online “Aprender Livre” (aprenderlivre.org), em especial com relação à experiência de integração dos povos lusófonos. São apresentadas características como incentivo aos recursos educacionais abertos, aprendizagem ao longo da vida, educação informal e liberdade de ensino-aprendizagem. Como conclusão são ressaltados o potencial transformador da educação online, inclusive para o ensino presencial, quando acompanhado de metodologias ativas que propiciem a utilização qualificada das comunidades de aprendizagem e softwares livres educativos.

Palavras-chave: moodle; comunidade virtual de aprendizagem; aprender livre; lusofonia; educação online

Introdução

A discussão aqui apresentada é parte das reflexões iniciais da pesquisa de pós-doutorado na área de tecnologia educativa na Universidade do Minho (Portugal). Na atividade como professor de cursos de graduação (tecnólogo e licenciatura) e pós-graduação (educação, tecnologia e contemporaneidade) no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ - Rio de Janeiro - Brasil), tenho realizado a incorporação de tecnologias em diferentes disciplinas (didática básica, avaliação e planejamento da aprendizagem, educação e tecnologia) desenvolvendo ensino híbrido com utilização de metodologias ativas utilizando o software livre Moodle (BARROS, 2015).

Como membro da comunidade Moodle internacional desde 2006, tenho percebido a utilização deste software livre com perfil principalmente institucional, ou seja, para uso interno e restrito dos estudantes e docentes de determinada instituição, dificultando-se o acesso de educadores afastados dos grandes centros ou que não pertencem aos quadros de instituições que possuem suas instalações Moodle próprias.

Para os que tem acesso a sua utilização, o Moodle oferece uma variada quantidade de ferramentas interativas, de autoria, colaboração e interação, síncronas e assíncronas. No entanto, seu uso tem sido principalmente como espaço de disponibilização de conteúdos por parte de professores, ou ainda como controle de frequência dos estudantes em cursos à distância, reproduzindo a lógica do “ensino bancário”, como denunciava Paulo Freire (2002). O que se nota ainda é a ênfase na “transmissão de conteúdos em detrimento de ferramentas mais interativas” (VALENTE, MOREIRA & DIAS, 2009).

Vivemos hoje condições tecnológicas que possibilitam a realização do que nos dizia Ivan Illich sobre as teias/redes de aprendizagem. Cibercultura, softwares livres e o desenvolvimento de metodologias específicas para a utilização em ambientes virtuais de aprendizagem apontam nesta direção e nos fazem repensar: “Com que espécie de pessoas e coisas gostariam os aprendizes de entrar em contato para aprender?” (ILLICH, 1977, p. 88)

Em meio a estas conquistas do mundo da tecnologia e da educação, convivemos ainda com grande desigualdade social, de gênero, fome e obviamente dificuldades de acesso à comunicação, educação e internet.

Neste cenário de contradições, as TIC, dentre elas as comunidades virtuais de aprendizagem, podem cumprir um papel de ampliação do acesso à educação e de diminuição das desigualdades sociais, ou por outro lado, de aumento do fosso da desigualdade de oportunidades.

“Como o ciclo de acesso a novos produtos começa com os ricos e se estende aos pobres após um tempo mais ou menos longo (e que nem sempre se completa), há um aumento da desigualdade. Os ricos são os primeiros a usufruir as vantagens do uso e/ou domínio dos novos produtos no mercado de trabalho, enquanto a falta destes aumenta as desvantagens dos grupos excluídos. Em ambos os casos, os novos produtos TICs aumentam, em princípio, a pobreza e a exclusão digital.” (SORJ & GUEDES, 2005, p.2)

Não basta a existência técnica de plataformas virtuais ou a disponibilidade das novas tecnologias, é preciso pensar a quais pessoas elas atendem e com que qualidade. A democratização do acesso qualificado e a popularização do uso das TICs merece atenção por parte de educadores, pesquisadores, sociedade e poder público. Uma das perguntas feitas por Costa (2012) reforça o desafio da presente reflexão de pesquisa: “Como poderemos promover, em última instância, a qualidade da utilização das tecnologias de informação e comunicação e a sua generalização a todos os cidadãos, estejam eles integrados ou não em ambiente de ensino formais?”

Desenvolvimento

Para refletir sobre as potencialidades pedagógicas de utilização de comunidades de aprendizagem online baseadas no software livre Moodle, será realizada uma breve análise da comunidade intitulada “Aprender Livre” (acesso disponível aprenderlivre.org).

Em 2007, quando foi criada a plataforma “Aprender Livre”, não eram encontrados sítios em língua portuguesa que oferecessem gratuitamente o software livre Moodle. A fim de

permitir que professores pudessem usar uma plataforma livre e aberta, um grupo de educadores criou este projeto coletivo.

“O Aprender Livre é uma comunidade autogestionada, administrada pelo coletivo de educadores livremente associados, sem fins lucrativos, voltada para a transformação social a partir da educação, com ênfase no uso de tecnologias e recursos educacionais abertos de forma a favorecer o empoderamento social, cultural e econômico de educadores e educandos.” (APRENDER LIVRE, 2016, p.1)

Além de atender aos professores e alunos do ensino básico ao superior, a comunidade de aprendizagem foi recebendo também usuários das mais diversas áreas com o objetivo de ensinar sobre assuntos relacionados à saúde, ecologia, direito, culinária, engenharia, segurança, esoterismo, religiões etc. Havia uma demanda de ensino-aprendizagem não apenas na educação formal, mas também na troca de experiências, cultura, regionalismos e outros, característicos da educação informal. (Bruno, 2014)

São diversas as características desta comunidade que a diferem da utilização que fazem as instituições, em sua maioria, com suas instalações Moodle próprias. Além da criação gratuita e imediata de salas de aula online, ressalta-se o fato de ser aberta a todas as pessoas interessadas, independente de qualquer vinculação institucional ou mesmo nível educacional.

Com o argumento de que “Todos podemos aprender e ensinar” sugere-se a ênfase no processo de aprendizagem ao longo da vida (long life learning), com atuação tanto na educação formal quanto na informal.

A partir de 2016 houve a adesão da comunidade ao Movimento Internacional de Recursos Educacionais Abertos – REA. A plataforma foi licenciada com a Creative Commons (Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional) permitindo aos usuários por padrão compartilhar, copiar, redistribuir ou mesmo adaptar, remixar ou transformar os conteúdos disponíveis, mantendo a mesma licença para obras derivadas, atribuindo a fonte e sem finalidades comerciais. (APRENDER LIVRE, 2016)

Criada para o público brasileiro, a plataforma passou a ser utilizada nos últimos anos por pessoas de outros países, principalmente de Portugal, Angola, Moçambique e Cabo Verde.

Comunidade de aprendizagem em língua portuguesa

Os povos de língua portuguesa no mundo, quase 300 milhões de pessoas (dados da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP), trazem a marca da heterogeneidade em virtude de suas diferentes realidades sociais e mantém dificuldades de aproximação em razão de distâncias geográficas e processos históricos e sociais distintos (MARTINS, 2015).

Facilitado pela proximidade linguística, poderiam as TICs colaborar na ampliação do diálogo entre os povos lusófonos? Educadores e educandos de diferentes países lusófonos poderiam aprender entre si de forma colaborativa em uma comunidade virtual de aprendizagem? A popularização das TIC teria potencial transformador sobre a educação formal e informal?

Compartilhamos aqui do conceito de comunidade virtual de aprendizagem enquanto espaço online onde um grupo de pessoas, mais ou menos organizados, vivencia oportunidades de aprendizagens (COSTA, 2012). Para que uma comunidade virtual de aprendizagem

funcione ativamente é preciso que haja colaboração e interação, assim como a necessidade de saber e partilhar (MEIRINHOS E OSÓRIO, 2007). As distâncias geográficas que dificultam a interação poderiam, em tese, ser superadas pelas comunidades virtuais, que permitem novas formas de aprender e ensinar, facilitando o diálogo intercultural de sujeitos de diferentes realidades, com diferentes saberes e necessidades.

Para Freire (1987, p.45) “o diálogo é uma exigência existencial”, é o encontro dos homens e mulheres no mundo, para transformá-lo. E neste sentido o diálogo não pode ser instrumento de dominação ou imposição de ideias. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987, p.44).

O diálogo, portanto, é base para a interação e colaboração. As descobertas, histórias e experiências vividas e compartilhadas pelos sujeitos no convívio em rede seriam elementos essenciais na ampliação e manutenção destas redes de aprendizagem (SCHELLER, VIALI, LAHM, 2014).

“A educação no contexto digital deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção de história. E, aqui, devemos ser todos sujeitos aprendizes, solidários num projeto comum de construção de uma sociedade na qual não exista mais a palavra do explorador e do explorado.” (GOMEZ, 2004, p.23)

Um dos debates presentes no campo da tecnologia educativa é sobre o controle, burocratização e massificação da aprendizagem pelas instituições responsáveis pelo gerenciamento/oferecimento de cursos e outros espaços de interação. “Como persuadir as instituições a abrir mão desse controle? Como levar os estudantes a tomarem o controle da sua própria aprendizagem?” (MOTA, 2009)

“Learning networks capture an essential element in learning today, the simple fact that we don't know what we want to teach. Indeed, it is often suggested that the best we can manage is to teach students how to learn, and to encourage them to manage their own learning thereafter.” (DOWNES, 2010, p.3)

Para Downes, seria necessário “reivindicar a aprendizagem” em um novo sistema com ênfase na autonomia, na cooperação, na liberdade, na conexão entre as pessoas em rede, diante de suas realidades, em contraponto a modelos hierarquizados, pré-definidos, controlados e lineares de ensino. Segundo Downes: “The right model is no model. The right model is to do away with the models.” (DOWNES, 2015)

Ao repensar o papel da escola e dos professores diante da revolução educacional provocada pela tecnologia (COLLINS & HALVERSON, 2010) é fundamental criar oportunidades para que as escolas possam se adaptar e incorporar a aprendizagem guiada pela tecnologia em seu dia-a-dia, incentivando a customização e a aprendizagem pessoal e entre pares: “Schooling is built on the notion that knowledge is fixed and that the work of the teacher is to present what is known to students” (COLLINS & HALVERSON, 2010).

Conclusão

É necessário problematizar o uso que tem sido feito das TICs, e dentre elas, os softwares livres. A tecnologia abre possibilidades revolucionárias, mas sua utilização deve ser feita com critérios relevantes sociais e educativos, de inclusão e humanização das relações, e não somente por interesses institucionais ou mercadológicos.

A educação digital tem potencial transformador inclusive sobre as práticas educativas do ensino presencial, rompendo com a lógica do espaço-tempo de aprendizagem. Muito mais do que ensino à distância, as comunidades de aprendizagem online apontam para a reinvenção de formas de aprendizagem mais cooperativas e solidárias, gerando inteligência coletiva a partir da interação entre as pessoas, com suas múltiplas histórias, diferentes saberes, interesses e trajetórias.

A qualidade da interação e participação dos povos lusófonos em comunidades de aprendizagem online depende da oferta de oportunidades de acesso e de estratégias de inclusão educativa digital. Os softwares livres educativos, dentre eles o Moodle, tem papel de destaque neste cenário, mas seu uso precisa ser popularizado também na educação informal, acompanhado de metodologias ativas que desafiem as pessoas a explorarem todo o potencial de aprendizagem. Neste contexto, educadores e educandos podem ser responsáveis pela multiplicação de experiências exitosas do ponto de vista educativo e social, e, a partir destes, sendo ampliada a capacidade de diálogo e aprendizagem ao longo da vida.

Referências

- APRENDER LIVRE. Políticas de uso do site. 2016. Recuperado de <https://moodle.aprenderlivre.org/mod/url/view.php?id=1859>
- BARROS, F. B. M. Problematización y valores humanos en entornos virtuales de aprendizaje. Revista de Tecnología de Información y Comunicación en Educación. Volumen 9, N° 2 Julio-Diciembre 2015
- BRUNO, A. Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. Mediações – Revista OnLine da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, Vol. 2 – n.º 2, 2014.
- DOWNES, S. New Technology Supporting Informal Learning. Journal of emerging technologies in web intelligence, VOL. 2, NO. 1, FEBRUARY 2010
- DOWNES, S. Beyond institutions: personal learning in a networked world in Distance Education in China 5 5-17 Oct 30, 2015
- COLLINS, A. & HALVERSON, R. The second educational revolution: rethinking education in the age of technology. Journal of Computer Assisted Learning (2010), 26, 18–27
- COSTA, F.A. Comunidades Virtuais de Aprendizagem: traços, perspectivas de estudos e desafios às instituições educativas. Perspectiva, Florianópolis, v.30, n.1, 59-75, jan/abr/2012.
- FREIRE, P. A Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.
- GOMES, M.V. Educação em Rede – Uma visão emancipadora. Cortez. Instituto Paulo Freire, 2004.
- ILLICH, I., Sociedade sem escolas, Ed. Vozes, Petrópolis, 1985.
- MARTINS, M.L. Lusofonia e interculturalidade: promessa e travessia. editora húmus, 2015.

- MEIRINHOS, M. & OSÓRIO, A. Factores condicionantes da aprendizagem colaborativa em ambientes virtuais: estudo de caso no âmbito da formação contínua de professores in Aires, Luísa, coord. [et al.] - Comunidades virtuais de aprendizagem e identidades no Ensino Superior. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.
- MOTA, J. Personal Learning Environments: Contributos para uma discussão do conceito. Educação, Formação & Tecnologias, vol. 2 (2), Novembro, 2009
- SCHELLER, M., VIALI, L. LAHM, R. A aprendizagem no contexto das tecnologias: uma reflexão para os dias atuais. CINTED - Novas Tecnologias na Educação. V. 12 Nº 2, dezembro, 2014
- SORJ, B.; GUEDES, L.E. Exclusão digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo ,n. 72,p. 101-117, Julho 2005
- VALENTE, I., MOREIRA, P., DIAS, P. Moodle: moda, mania ou inovação na formação? In Alves, L., Barros, D., Okada, A. (org) Moodle Estratégias Pedagógicas e Estudos de Caso. Salvador-BA, EDUNEB. 2009. Recuperado de repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2563/3/Livro%20Moodle.pdf

Apoio

Esta pesquisa tem sido possível pela autorização de afastamento para realização de estágio pós-doutoral no Instituto de Educação da Universidade do Minho, em Portugal, com ônus limitado para o CEFET/RJ, conforme disposto no Processo n. 23063.003427/2016-85, publicado no DOU n.27, seção 2, p.14 de 7/2/2017.